

CONSUMO DE ÁLCOOL E RENDIMENTOS NO MERCADO DE TRABALHO DO BRASIL

ALCOHOL CONSUMPTION AND LABOR MARKET OUTCOMES IN BRAZIL

Lucas Ribas Vianna¹

Gustavo Carvalho Moreira²

RESUMO

Este trabalho objetiva evidenciar a associação entre o consumo de bebidas alcoólicas e os rendimentos do mercado de trabalho no Brasil, a partir dos dados da Pesquisa Nacional da Saúde (PNS) de 2019. Os métodos empregados envolveram o uso de equações mincerianas e quantílicas. Os resultados apontaram para uma diferenciação salarial positiva para consumidores de álcool, sendo de maior magnitude para indivíduos situados na faixa mais elevada da distribuição de rendimentos. No entanto, devido à possível presença de endogeneidade neste resultado, foi realizado um exercício empírico adicional para investigar se o consumo excessivo de álcool afeta os rendimentos. Os resultados deste exercício mostraram que há um resultado negativo do consumo excessivo de álcool nos salários. As implicações dos resultados para o mercado de trabalho são discutidas ao longo do texto.

Palavras-chave: Consumo de bebidas alcoólicas, *Pesquisa Nacional da Saúde*, Regressão quantílica, Mercado de trabalho.

ABSTRACT

The aim of this study was to investigate the effect of alcohol consumption on labor market outcomes in Brazil using data from the National Health Survey. The methods employed involved the use of Mincer's and quantile regressions. The results indicate a positive wage differentiation for alcohol consumers, with greater magnitude for individuals in the higher income bracket. However, due to the possible presence of endogeneity in this result, an additional empirical exercise was performed to investigate whether excessive alcohol consumption affects earnings. The results of this exercise show a negative impact of excessive alcohol consumption on earnings. The implications of these results for the labor market are discussed throughout the paper.

Keywords: Alcohol consumption, National Health Survey, Quantile regression, Labor market.

JEL: C26, I12, J24

¹ Economista, mestrando em Economia na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-mail: ribaslucas143@gmail.com

² Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR. E-mail: gustavocmoreira@ufsj.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A difusão do consumo de álcool é medida em números: são estimados mais de 2 bilhões de consumidores no mundo (WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO, 2014). No Brasil, pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013, relatou que cerca de 24% da população adulta consome bebida alcoólica uma vez ou mais por semana. Inúmeras pesquisas já apontaram a relação do consumo de bebidas alcoólicas com diversas externalidades negativas, como acidentes de trânsito (COOK e TAUCHEN, 1984), violência doméstica (RUHM e BLACK, 2002), desejo de possuir arma de fogo (JUSTUS et al., 2020) e incidência de doenças sexualmente transmissíveis em adolescentes (SAMPAIO FILHO et al., 2010).

O uso de bebidas alcoólicas também traz consequências para o mercado de trabalho: aqueles que bebem apresentam, por exemplo, maior índice de faltas (JOHANSSON et al., 2009; NORSTRÖM, 2006) e pouca longevidade dentro de seus empregos (MACDONALD e SHIELDS, 2001, 2004). Um fator que pode ser observado na maioria das pesquisas que abordam esse tema é a análise apenas dos indivíduos que estão empregados, omitindo, seja por opção ou por falta de dados, aqueles que saíram do mercado de trabalho por decorrência de atritos gerados pelo álcool. French et al. (2011) se voltam para esse lado da discussão, mostrando correlação entre o consumo abusivo de bebidas alcoólicas e o de demissões motivadas por justa causa.

Outro aspecto relevante que associa o uso de bebidas alcoólicas e o desempenho no mercado de trabalho diz respeito ao efeito sobre os rendimentos. As remunerações também são afetadas pelo consumo de álcool, mas não de maneira uniforme para todos os trabalhadores. A literatura apresenta evidências de uma relação não linear entre consumo de álcool e rendimentos, como apontado por Böckerman e colegas (2017) e por Peters (2004). A ideia de que consumidores de álcool recebem menos que abstêmios é intuitiva, e leva em consideração todas as problemáticas decorrentes do consumo de bebidas alcoólicas. Apesar disso, existem pesquisas que indicam que os rendimentos se mostram maiores para os trabalhadores que consomem álcool do que para aqueles que optam por não beber. Berger e Leigh (1988), por exemplo, relatam que, para os trabalhadores dos Estados Unidos, os consumidores de bebidas alcoólicas recebem mais que os demais, mesmo depois de controladas as características observáveis. Peters (2004) explica que essa diferença nos rendimentos pode ser ocasionada pelo não controle de características observáveis nos modelos empíricos, causando vieses nas estimativas.

Os ganhos sociais apontados acima certamente não contemplam todos os níveis de consumo de bebida alcoólica. Trabalhadores que bebem compulsivamente são menos concentrados e têm produtividade prejudicada, como é apresentado em French et al. (2011). Os consumidores de álcool mais abusivos possuem rendimentos menores em comparação com os moderados e mesmo com os abstêmios (PETERS, 2004).

Posto isso, o objetivo dessa pesquisa foi investigar como o consumo de álcool afeta os rendimentos dos trabalhadores no Brasil, analisando também a relação entre rendimentos e o consumo excessivo de bebidas alcoólicas. Especificamente, este estudo parte de duas hipóteses:

(i) Consumir bebidas alcoólicas gera retornos positivos sobre os rendimentos no mercado de trabalho. A literatura internacional sobre o tema aponta a não rejeição dessa hipótese (HAMILTON e HAMILTON, 1997; BERGER e LEIGH, 1988; LYE e HIRSCHBERG, 2004). Esses resultados serão também analisados para diferentes quantis da distribuição de rendimentos.

(ii) O consumo de álcool em excesso implica em redução salarial. A literatura aponta também para a não rejeição dessa hipótese (BERGER e LEIGH, 1988; PETERS, 2004; BOCKERMANN et al., 2017).

Ambas as hipóteses serão testadas por meio de análise do caso do Brasil, a partir dos dados da PNS de 2019. Para (i), a equação dos determinantes salariais será controlada por características observáveis e terá como variável de interesse uma variável binária que representa se a pessoa consome ou não bebida alcoólica. Por não ser possível verificar, nesse primeiro exercício, a associação entre níveis de consumo de álcool e os rendimentos, o exercício empírico para respostas ao ponto (ii) levarão em consideração duas variáveis de interesse, que refletem a autodeclaração quanto à não realização de atividades rotineiras por conta do excesso de bebida alcoólica; e se houve alerta de excesso de consumo por algum parente, amigo ou profissional de saúde.

Justifica-se a relevância da presente pesquisa pelo fato de a literatura existente sobre a relação do consumo de álcool com o mercado de trabalho ser incipiente, ainda menos presente quando se analisam países do Sul Global, como é o caso do Brasil. É importante se ter a dimensão de quanto o consumo de álcool afeta as condições de vida dos brasileiros, visto que os consumidores do produto representam uma considerável parcela da população em idade economicamente ativa no país.

Este trabalho está estruturado em mais quatro seções, além da presente seção de introdução. A seção 2 traz a fundamentação teórica e respaldo empírico dessa pesquisa; a seção 3 traz a metodologia e a estratégia empírica escolhida, bem como a descrição da base de dados utilizada e as estatísticas descritivas. Na seção 4 são apresentados os resultados encontrados e consequente discussão. Por fim, as considerações finais são debatidas na seção 5.

2. MERCADO DE TRABALHO E CONSUMO DE ÁLCOOL

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho – OIT (1999), problemas relacionados ao álcool são consequências de fatores pessoais, familiares, sociais ou do mercado de trabalho e têm efeitos adversos não só sobre a saúde e o bem-estar dos indivíduos, mas também sobre a deterioração do desempenho no trabalho. Devido à gravidade da relação entre consumo de álcool e mercado de trabalho, a OIT (1999) publicou políticas e iniciativas para reduzir tal problema envolvendo empregadores e empregados. Esses problemas do alcoolismo são fortalecidos ao se considerar, por exemplo, a segurança dos trabalhadores no ambiente laboral sob o efeito de substâncias alcoólicas (GARAIS e LENHANI, 2019) e as externalidades negativas sobre crianças e jovens que ingressam precocemente no mercado de trabalho, cujas famílias possuem alcoólicos e adictos (LÍRIO et al., 2013).

Segundo a perspectiva microeconômica neoclássica, o que leva um indivíduo a despendar recursos para consumir determinado produto é a utilidade gerada por ele. O produto adquirido deve fornecer uma utilidade maior do que outros disponíveis. A teoria diz que os bens tendem a ter uma utilidade marginal decrescente, ou seja, cada unidade a mais adquirida tem uma utilidade menor do que a anterior. As bebidas alcoólicas não correspondem a essa última ideia, de certo modo. Scopel e Silva (2014) relatam que os indivíduos acostumados a beber compartilham a característica de raramente se aterem a apenas uma dose da bebida. Os autores comprovam a percepção do senso comum de que, em muitos casos, a utilidade das doses de bebidas alcoólicas que sucedem a primeira não é decrescente.

Existem duas principais razões que levam um indivíduo a beber, segundo Abbey et al. (1999). A primeira é a bebida como um instrumento para lidar com o estresse.

Tal sentimento pode ser consequência de relacionamentos interpessoais, condições sociais e das relações dentro do ambiente laboral. A segunda razão é a bebida como consequência de influências sociais. Quando se estuda essa outra faceta sob a ótica dos rendimentos, como já exposto em Peters (2004) e Böckerman et al. (2017), existe a forte relação com a maior empatia criada em encontros informais em que, culturalmente, a bebida alcoólica está presente. Essa empatia criada entre os trabalhadores é importante porque ela afeta positivamente os rendimentos (VÁSQUEZ e WERETKA, 2016). Dito isso, um trabalhador pode ter seu emprego como uma causa de consumir álcool, com o objetivo de se inserir entre seus colegas e superiores, ou como uma consequência, motivado pelo estresse advindo do ambiente de trabalho.

Balsa e French (2010) apontam que na dinâmica do mercado de trabalho de uma economia em desenvolvimento estão presentes instabilidade, falta de segurança, precarização e informalidade, fatores que podem levar o indivíduo a consumir bebidas alcoólicas. Os autores também discutem a relação positiva entre emprego e consumo de álcool explicado pelo efeito renda. O trabalho coloca em pauta a discussão regional (no caso, para o Uruguai e expandido para a América Latina e outros países em desenvolvimento) sobre a temática em questão. As nuances dos mercados de trabalho são distintas para contextos diferentes, assim como a dinâmica da população da região em relação a bebidas alcólicas, devendo então ser respeitadas as especificidades e tendo o cuidado para não serem feitas generalizações. A relação entre o mercado de trabalho e o consumo de álcool não é trivial e deve ser estudada com certa cautela. Por exemplo, o efeito renda pode gerar conflito na relação causal: se de fato ele estiver presente, o trabalhador irá beber mais por seu aumento marginal na renda e não o inverso. O fato consolidado na discussão se dá quando se analisam as pessoas com um nível de consumo mais alto. A literatura é categórica em apontar que esse grupo sofre com remunerações menores, cargos inferiores e maiores índices de rotatividade de pessoal (PETERS, 2004).

O foco desse estudo estará nas consequências do consumo de bebidas alcoólicas para os rendimentos. Existem três principais meios básicos de se explicar a correlação entre consumo de álcool e rendimentos (PETERS, 2004). Primeiramente, o consumo de bebidas alcoólicas pode influenciar os salários (positiva ou negativamente) por meio de problemas de saúde, de avaliações vindas de colegas e superiores oriundas do *status* de consumo e, por fim, de implicações na produtividade. Outra possibilidade condiz com a hipótese de os indivíduos gastarem mais em álcool quando recebem mais, o que é plausível na medida em que as bebidas alcoólicas se mostram como bens normais (PETRY, 1995). O maior gasto pode não significar o consumo de bebidas com maiores porcentagens de álcool, de modo que os indivíduos podem gastar mais em bebidas de melhor qualidade, cujos preços são naturalmente superiores. Finalmente, a terceira via condiz com a ideia de que variáveis externas podem estar correlacionadas com o consumo de álcool e maiores salários, de modo que seria necessário incluí-las no modelo de regressão ou controlar a heterogeneidade para que se possa corrigir o viés omitido.

É notório que o consumo de álcool, assim como ocorre com outras drogas, leva, em certas ocasiões, a perdas de produtividade do trabalhador que consome álcool – a partir de distúrbios de comportamento do trabalhador, tendo potencial inclusive para impactar negativamente os colegas. Como relatam Kaestner e Grossman (1998), todavia, a produtividade é difícil de ser medida; além do fato de que muito dos trabalhadores que bebem com mais constância têm consciência dos atos que precisam tomar para não escancarar tal ação em seu ambiente de trabalho. Logo, existe uma complexidade no monitoramento desse tipo de comportamento, cujos resultados findam na continuação do consumo de álcool por muitos trabalhadores, uma vez que consigam esconder os possíveis efeitos que a bebida tem em seu ambiente laboral.

3. METODOLOGIA

3.1 Fonte de dados e amostra selecionada

Foram utilizados dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), realizada pelo IBGE e pela Fiocruz, em 2019. Essa foi a segunda edição da PNS, cujo objetivo foi ampliar a investigação temática dos suplementos de saúde da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), que foram realizados nos anos de 1998, 2003 e 2008 (STOPA et al., 2020). Na PNS, houve a coleta de informações acerca do acesso e uso dos serviços de saúde, bem como indicadores de saúde e vigilância de doenças crônicas (IBGE, 2019). O plano amostral empregado foi obtido a partir de amostragem conglomerada em três estágios, sendo o primeiro estágio referente ao setor censitário, o segundo aos domicílios e o terceiro para moradores com mais de 18 anos de idade. Houve, também, subamostras calculadas para a realização de exames laboratoriais, cujos detalhes metodológicos podem ser consultados em Stopa e colegas (2020).

Para o exercício empírico, a amostra foi restrita à população em idade adulta (entre 18 e 65 anos) e que declarou não estudar. Também foram retirados da amostra os indivíduos que ainda estavam em processo de aquisição de capital humano (ou seja, estudando), pois esses indivíduos: i) enfrentam *trade-offs* na escolha entre ofertar trabalho e estudar, de modo que a composição salarial pode representar outros aspectos distintos da produtividade e características observáveis; ii) ainda não possuem o reflexo do capital humano acumulado explícito sobre os rendimentos, aspecto relevante para determinar os salários oferecidos pelas empresas (ver, por exemplo, Teoria da Sinalização de Spence, 1978; e o modelo de competição por emprego de Thurow, 1972). Além disso, mantiveram-se na amostra apenas indivíduos que trabalham com rendimentos positivos (diferentes de zero). Feitos tais recortes, a amostra final continha 22.636 indivíduos abstêmios e 22.615 consumidores de álcool, totalizando 45.251 observações.

Na Tabela 1, estão expostas as estatísticas descritivas (média e desvio padrão) e descrição das variáveis utilizadas no modelo empírico para abstêmios (indivíduos que declararam nunca consumir bebidas alcoólicas) e consumidores de álcool. Apesar de representarem uma análise ainda preliminar, os resultados da Tabela 1 demonstram que abstêmios recebem, em média, menos que os consumidores de álcool, apesar de que esse último grupo possuir uma dispersão (desvio padrão) em torno da média maior. Além disso, os consumidores de álcool são mais jovens (média de 40,8 anos) e do sexo masculino (66%).

TABELA 1 – DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS UTILIZADAS NO MODELO E ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS

Variável	Descrição	Abstêmios		Consumidores de álcool	
		Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão
<i>lnsal</i>	Logaritmo do salário hora	2,04	0,90	2,26	0,94
<i>idade</i>	Idade em anos	42,58	11,75	40,8	11,52
<i>idade2</i>	Idade ao quadrado / 100	19,51	10,05	17,97	9,68
<i>homem</i>	Binária com valor 1 para homem e 0 c.c.	0,48	0,50	0,66	0,47
<i>branco</i>	Binária com valor 1 para raça branca e 0 c.c.	0,33	0,47	0,39	0,49
<i>urbano</i>	Binária com valor 1 para região urbana e 0 c.c.	0,78	0,42	0,8	0,40

Variável	Descrição	Abstêmios		Consumidores de álcool	
		Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão
<i>sem escolaridade</i>		0,05	0,21	0,03	0,17
<i>fund. incomp.</i>		0,28	0,45	0,25	0,43
<i>fund. comp. ou médio incomp.</i>	Variáveis categóricas para escolaridade (categoria base: sem escolaridade)	0,14	0,34	0,15	0,35
<i>médio comp. ou superior incomp.</i>		0,36	0,48	0,35	0,48
<i>superior comp.</i>		0,17	0,38	0,22	0,41
<i>dirigentes</i>		0,11	0,31	0,06	0,24
<i>ciência e artes</i>		0,14	0,35	0,13	0,34
<i>técnicos</i>		0,37	0,48	0,44	0,50
<i>serviços administrativos</i>	Variáveis categóricas segundo a Classificação Brasileira de Ocupações – CBOs (categoria base: dirigentes)	0,03	0,16	0,04	0,21
<i>serviços agrícolas</i>		0,36	0,48	0,32	0,47
<i>construção</i>		0,03	0,18	0,05	0,22
<i>outros</i>		0,11	0,32	0,13	0,34
<i>trabalho doméstico</i>		0,08	0,26	0,08	0,27
<i>setor público</i>	Variáveis categóricas referentes à posição na ocupação na semana de referência (categoria base: trabalhador doméstico)	0,04	0,19	0,04	0,19
<i>setor privado</i>		0,30	0,46	0,24	0,43
<i>empregador</i>		0,06	0,24	0,06	0,23
<i>autônomo</i>		0,14	0,35	0,15	0,36
<i>agrícola</i>	Variáveis categorias referentes ao setor de atividade (categoria base: setor agrícola).	0,24	0,42	0,25	0,43
<i>indústria</i>		0,14	0,35	0,15	0,35
<i>comércio e serviços</i>		0,16	0,37	0,18	0,39
<i>centro-oeste</i>		0,69	0,46	0,67	0,47
<i>sudeste</i>	Variáveis categóricas para regiões geográficas (categoria base: centro-oeste)	0,12	0,33	0,14	0,34
<i>norte</i>		0,21	0,41	0,24	0,43
<i>sul</i>		0,23	0,42	0,16	0,37
<i>nordeste</i>		0,11	0,32	0,15	0,36
		0,33	0,47	0,31	0,46

Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da PNS (2019).

3.2 Estratégia empírica

Para verificar a associação de determinada característica observável (i.e. consumo de álcool) sobre os salários, foram estimadas equações baseadas na teoria do capital humano do tipo mincerianas (MINCER, 1974)³. Os rendimentos do mercado de trabalho (variável dependente) se apresentam em forma de logaritmo na função, porque assim é possível trabalhar com a variável linearmente. O modelo econométrico de regressão típico decorrente da equação minceriana, e adaptado ao problema desta pesquisa, é dado pela Equação (1):

$$\ln(w_i) = \beta_0 + \beta_4 \text{drinker}_i + \beta_1 \text{educ}_i + \beta_2 \text{exp}_i + \beta_3 \text{exp}_i^2 + \gamma' x_i + \varepsilon_i(1)$$

³ Essa pesquisa não aplicou o método de Heckman (1979) para correção de viés de seleção, porque, para quem enfrenta um salário de mercado inferior ao salário de reserva, presume-se que a decisão de beber não afetará a oferta de trabalho nem, portanto, os rendimentos obtidos – argumentos baseados no estudo de Peters (2004).

em que: w_i é o salário hora recebido pelo indivíduo i ; $educ_i$ é a sua escolaridade, medida por anos de estudo; exp_i é sua experiência, utilizando como *proxy* os anos de vida (idade); x_i é um vetor de características observáveis do indivíduo i , conforme variáveis da Tabela 1; e ε_i é o termo de erro estocástico. Ainda pela equação (1), apresenta-se a variável de interesse *drinker* de característica binária, assumindo valor 1 se a resposta ao questionamento

“Com que frequência o(a) Sr(a) costuma consumir alguma bebida alcoólica?”

feito na PNS tenha sido “Menos de uma vez por mês” ou “Uma vez ou mais por mês” e 0 se a resposta tenha sido “Não bebo nunca”.

O objetivo desse exercício foi verificar a associação entre o consumo de álcool e os rendimentos, independentemente da frequência consumida⁴. Adicionalmente, parte-se também da Equação (1), mas agora estimada via regressões quantílicas, que fornecem mais riqueza de informações ao estimar os parâmetros de interesse para diferentes quantis dos rendimentos. O modelo de Regressão Quantílica (RQ), proposto por Koenker e Bassett (1978), se apresenta como um bom método por possibilitar a observação da relação entre o consumo de bebidas alcoólicas e os rendimentos para os enésimos quantis da distribuição do logaritmo do rendimento-hora. A RQ possibilita a identificação das associações estudadas ao longo da distribuição, não se atendo à tendência central.

Para testar a segunda hipótese dessa pesquisa, que consistiu em verificar a associação entre o consumo abusivo de álcool e os rendimentos, utilizou-se a mesma estrutura proposta pela Equação (1), porém alterando a variável para outras duas variáveis de interesse que foram estimadas separadamente em dois modelos. A primeira variável, denominada de *rotina*, segue a seguinte pergunta:

Nos últimos doze meses, quantas vezes o(a) Sr(a) deixou de trabalhar, realizar afazeres domésticos, ir à escola, curso ou faculdade, fazer compras, etc. por que bebeu demais?

Com natureza binária igual a 1, se o entrevistado respondeu mais de uma vez por mês, e igual a 0 se nenhuma vez. Essa variável capta interferências do consumo excessivo de álcool sobre as atividades rotineiras.

A outra variável, denominada de *alerta*, também possui característica binária (1 se sim e 0 se não) a partir da seguinte pergunta:

Nos últimos doze meses, algum parente, amigo ou profissional de saúde disse que você estava bebendo demais ou recomendou que você parasse de beber?

também servindo como uma *proxy* para consumo excessivo de bebidas alcoólicas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 2 apresenta as estimativas da associação entre consumo de álcool (variável *drinker*) para diferentes quantis de distribuição de rendimentos. A fim de testar a especificação do modelo, foram retiradas da análise as variáveis de controle para setor e tipo de posição da ocupação, por serem endógenas. Os resultados são apresentados na Tabela A1 do Apêndice e não foi observada nenhuma mudança relevante nos coeficientes estimados.

⁴ Um exercício alternativo foi realizado agrupando as categorias “Menos de uma vez por mês” e “Não bebo nunca” como valor 0 e mantendo somente a categoria “Uma vez ou mais por mês” como valor 1. Apenas as magnitudes mudaram marginalmente, sendo os resultados e interpretações mantidos. Os resultados podem ser obtidos mediante solicitação.

Os resultados da Tabela 2 indicam a não rejeição da hipótese da existência de um prêmio salarial no mercado de trabalho brasileiro para indivíduos que consomem bebidas alcoólicas, mesmo após controle das características observáveis. Essas magnitudes são estatisticamente significantes ao nível de 1% e geram um diferencial de salário médio positivo para os consumidores de álcool de 6,8%, 6,0%, 6,9%, 8,3% e 10%⁵, respectivamente para os quantis 0,1, 0,25, 0,50, 0,75 e 0,90 da distribuição de rendimentos. É importante destacar que a expressão “prêmio salarial” não se trata de uma recompensa intencional aos trabalhadores por conta do hábito de ingerir bebidas alcoólicas. Conforme discutido, o hábito de consumir álcool no Brasil é, por vezes, considerado um ato social, que pode melhorar as relações interpessoais refletindo em melhores rendimentos no mercado de trabalho decorrente das *soft skills*. Evidências internacionais também encontraram resultados de uma associação positiva entre consumo moderado de álcool e rendimentos, mesmo com a aplicação de metodologias e unidades de análise distintas, como nos estudos de Berger e Leigh (1988) e Hamilton e Hamilton (1997). Para pesquisas que investigaram o efeito das *soft skills* sobre o desempenho no mercado de trabalho, ver Duncan e Dunifon (1998), Balcar (2014) e Deming (2017).

TABELA 2 – RESULTADO DO MODELO EMPÍRICO PARA A ASSOCIAÇÃO ENTRE CONSUMO DE ÁLCOOL E OS RENDIMENTOS NO MERCADO DE TRABALHO

	Quantis da distribuição				
	(0,10)	(0,25)	(0,50)	(0,75)	(0,90)
<i>drinker</i>	0,066* (0,007)	0,058* (0,008)	0,067* (0,007)	0,080* (0,007)	0,095* (0,011)
<i>idade</i>	0,044* (0,005)	0,036* (0,003)	0,030* (0,001)	0,028* (0,002)	0,028* (0,004)
<i>idade2</i>	-0,047* (0,006)	-0,036* (0,003)	-0,027* (0,002)	-0,022* (0,002)	-0,019* (0,004)
<i>homem</i>	0,239* (0,013)	0,236* (0,008)	0,240* (0,007)	0,285* (0,007)	0,293* (0,015)
<i>branco</i>	0,059* (0,014)	0,079* (0,007)	0,096* (0,008)	0,117* (0,009)	0,146* (0,011)
<i>metropolitano</i>	0,247* (0,019)	0,167* (0,015)	0,119* (0,009)	0,119* (0,011)	0,126* (0,020)
<i>fund. incomp.</i>	0,211* (0,067)	0,208* (0,031)	0,144* (0,020)	0,109* (0,031)	0,084* (0,032)
<i>fund. comp. ou médio incomp.</i>	0,400* (0,059)	0,350* (0,040)	0,270* (0,024)	0,244* (0,029)	0,233* (0,040)
<i>médio comp. ou sup. incomp.</i>	0,523* (0,066)	0,451* (0,037)	0,381* (0,020)	0,377* (0,028)	0,402* (0,037)
<i>superior comp.</i>	0,784* (0,066)	0,771* (0,037)	0,827* (0,020)	0,950* (0,032)	1,072* (0,059)
<i>setor público</i>	0,841* (0,048)	0,602* (0,022)	0,444* (0,026)	0,463* (0,032)	0,501* (0,040)
<i>setor privado</i>	0,595* (0,039)	0,368* (0,020)	0,174* (0,023)	0,098* (0,014)	0,056 (0,038)
<i>empregador</i>	0,615* (0,052)	0,554* (0,034)	0,519* (0,022)	0,665* (0,037)	0,799* (0,065)
<i>autônomo</i>	0,129* (0,042)	0,123* (0,021)	0,118* (0,023)	0,235* (0,018)	0,352* (0,036)
<i>ciências e artes</i>	0,155* (0,047)	0,129* (0,016)	0,059* (0,017)	0,015 (0,023)	-0,134* (0,043)

⁵ Cálculo da semi-elasticidade dado por $[\exp(\beta)-1]*100$, sendo β o coeficiente estimado para o quantil.

	Quantis da distribuição				
	(0,10)	(0,25)	(0,50)	(0,75)	(0,90)
<i>técnicos</i>	-0,129* (0,034)	-0,190* (0,019)	-0,216* (0,012)	-0,193* (0,035)	-0,280* (0,051)
<i>serviços administrativos</i>	-0,261* (0,030)	-0,362* (0,026)	-0,474* (0,023)	-0,568* (0,036)	-0,743* (0,054)
<i>serviços</i>	-0,346* (0,030)	-0,406* (0,023)	-0,496* (0,013)	-0,538* (0,030)	-0,661* (0,045)
<i>agrícola</i>	-0,222* (0,037)	-0,361* (0,017)	-0,490* (0,020)	-0,515* (0,029)	-0,579* (0,043)
<i>construção</i>	-0,276* (0,032)	-0,343* (0,025)	-0,452* (0,019)	-0,503* (0,021)	-0,679* (0,043)
<i>outros</i>	-0,346* (0,034)	-0,428* (0,018)	-0,533* (0,014)	-0,605* (0,026)	-0,746* (0,046)
<i>indústria</i>	0,203* (0,019)	0,155* (0,020)	0,060* (0,011)	0,007 (0,018)	-0,057** (0,028)
<i>comércio e serviços</i>	0,239* (0,021)	0,171* (0,021)	0,066* (0,009)	0,057* (0,010)	0,031 (0,028)
<i>constante</i>	-0,108* (0,020)	-0,091* (0,011)	-0,097* (0,015)	-0,114* (0,018)	-0,095* (0,017)
<i>Binárias para regiões geográficas</i>	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM

Nota: (1) Erro padrão entre parênteses. (2) *, ** e *** denotam significância aos níveis de 1%, 5% e 10%, respectivamente.

No entanto, é importante mencionar que o resultado apresentado na Tabela 2 pode estar sujeito à presença de endogeneidade por variáveis omitidas, bem como pela possibilidade de bidirecionalidade entre consumo de álcool e rendimentos. Para captar a relação não linear entre consumo de álcool e rendimentos, foi realizado um segundo exercício empírico que consistiu em captar a associação entre o consumo abusivo de álcool e os rendimentos, utilizando as variáveis *rotina* e *alerta* em vez da variável *drinker*. Os resultados são expostos na Tabela 3. Como é possível perceber, indivíduos que consomem álcool em excesso, a ponto de atrapalhar suas atividades de rotina ou receberem alertas de amigos e profissionais de saúde, sofrem redução salarial por tal comportamento – captado pelo resultado negativo estimado para as variáveis *rotina* e *alerta* – em magnitude de 8,24% e 2,37%, respectivamente. Tal mecanismo pode ser via impacto na produtividade, pelo fato de a literatura associar o consumo de álcool com absenteísmo, faltas e elevada rotatividade (MACDONALD e SHIELDS, 2001, 2004; JOHANSSON et al., 2009). Apesar de utilizar abordagens distintas, alguns estudos corroboram o resultado aqui apresentado, qual seja, o resultado negativo do consumo excessivo de álcool sobre os rendimentos (ver, por exemplo, Hamilton e Hamilton, 1997 e Peters, 2004).

TABELA 5 – ESTIMATIVAS EMPÍRICAS DAS VARIÁVEIS INDICADORAS DE EXCESSO DE CONSUMO DE ÁLCOOL SOBRE OS RENDIMENTOS

	I	II
<i>rotina</i>	-0,086* (0,006)	-
<i>alerta</i>	-	-0,024*** (0,012)
<i>idade</i>	0,036* (0,001)	0,035* (0,003)
<i>idade2</i>	-0,032* (0,002)	-0,030* (0,004)
<i>homem</i>	0,248* (0,005)	0,272* (0,012)

	I	II
<i>branco</i>	0,119* (0,005)	0,140* (0,011)
<i>metropolitano</i>	0,165* (0,007)	0,173* (0,016)
<i>fund. incomp.</i>	0,156* (0,016)	0,124* (0,037)
<i>fund. comp. ou médio incomp.</i>	0,322* (0,016)	0,298* (0,038)
<i>médio comp. ou sup. incomp.</i>	0,441* (0,016)	0,447* (0,037)
<i>superior comp.</i>	0,857* (0,018)	0,936* (0,041)
<i>setor público</i>	0,573* (0,017)	0,537* (0,043)
<i>setor privado</i>	0,250* (0,016)	0,217* (0,041)
<i>empregador</i>	0,655* (0,022)	0,556* (0,049)
<i>autônomo</i>	0,186* (0,016)	0,159* (0,041)
<i>ciências e artes</i>	0,054* (0,015)	0,057*** (0,031)
<i>técnicos</i>	-0,173* (0,015)	-0,191* (0,031)
<i>serviços administrativos</i>	-0,447* (0,015)	-0,535* (0,032)
<i>serviços</i>	-0,460* (0,014)	-0,505* (0,029)
<i>agrícola</i>	-0,448* (0,020)	-0,447* (0,040)
<i>construção</i>	-0,420* (0,015)	-0,450* (0,030)
<i>outros</i>	-0,514* (0,014)	-0,555* (0,028)
<i>indústria</i>	0,046* (0,012)	0,030 (0,025)
<i>comércio e serviços</i>	0,111* (0,012)	0,084* (0,024)
<i>constante</i>	0,781* (0,038)	0,859* (0,088)
<i>Binárias para regiões geográficas</i>	SIM	SIM

Nota: (1) Erro padrão entre parênteses. (2) *, ** e *** denotam significância aos níveis de 1%, 5% e 10%, respectivamente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral entender a associação entre o consumo de bebidas alcoólicas e os rendimentos oriundos do mercado de trabalho no Brasil. Dentro desse tema central, foram levantados dois questionamentos: o primeiro dedicado a elucidar a hipótese de que o consumo de álcool tem associação positiva com os salários; posteriormente, foram estimadas equações de rendimento com o intuito de evidenciar os resultados negativos do excesso de consumo de álcool sobre os rendimentos.

A hipótese de que o consumo de bebidas alcoólicas afeta positivamente os rendimentos não foi rejeitada, mesmo após o controle das características observáveis. Esse resultado positivo,

no entanto, não é uniforme quando se consideram os diferentes quantis dos rendimentos. Cabe ressaltar que esse resultado é sujeito à amostra obtida, bem como à variável selecionada para captar o alcoolismo – uma variável binária que não traz informações precisas sobre a quantidade de álcool consumida. Portanto, esse resultado médio leva em consideração pessoas que alegaram beber pelo menos uma vez ao mês, o que gera grande amplitude para o grupo considerado de tratamento em comparação ao de controle. Como discutido ao longo do texto, as consequências negativas do consumo de álcool são bem documentadas na literatura. Outra limitação empírica se dá pela possibilidade de endogeneidade na relação investigada. Infelizmente, com a base de dados utilizada, não foi possível encontrar variáveis instrumentais convincentes para solucionar o problema da endogeneidade, que, em suma, afirma que existem variáveis relevantes para explicar os rendimentos que foram omitidas na construção do modelo.

O segundo exercício empírico buscou mensurar os resultados sobre os salários de um possível consumo excessivo de álcool, a ponto de atrapalhar as atividades rotineiras ou de os indivíduos receberem alertas de excesso de consumo álcool por amigos ou profissionais de saúde. Os resultados obtidos demonstraram que o consumo excessivo afeta a produtividade dos indivíduos, o que se reflete em um salário menor em comparação aos abstêmios. Tal resultado é corroborado pela literatura internacional, que relata os impactos negativos sobre os rendimentos, mesmo empregando metodologias por meio de amostras distintas.

Os resultados encontrados neste estudo têm importantes implicações para políticas públicas e para a sociedade em geral. Destaca-se a necessidade de se conscientizar a população sobre os resultados negativos do consumo excessivo de bebidas alcoólicas, não apenas na saúde física e mental, mas também nos rendimentos e na produtividade no mercado de trabalho. Programas de prevenção e conscientização sobre os riscos do alcoolismo devem ser ampliados e fortalecidos, com o objetivo de reduzir o consumo excessivo de álcool e melhorar a qualidade de vida da população.

REFERÊNCIAS

- ABBEY, Antonia; SMITH, Mary Jo; SCOTT, Richard O. The relationship between reasons for drinking alcohol and alcohol consumption: An interactional approach. **Addictive behaviors**, v. 18, n. 6, p. 659-670, 1993.
- BALCAR, Jiří. Soft skills and their wage returns: Overview of empirical literature. **Review of Economic Perspectives**, v. 14, n. 1, p. 3-15, 2014.
- BALSA, Ana I.; FRENCH, Michael T. Alcohol use and the labor market in Uruguay. **Health economics**, v. 19, n. 7, p. 833-854, 2010.
- BERGER, Mark C.; LEIGH, J. Paul. The effect of alcohol use on wages. **Applied Economics**, v. 20, n. 10, p. 1343-1351, 1988.
- BÖCKERMAN, Petri; HYYTINEN, Ari; MACZULSKIJ, Terhi. Alcohol consumption and long-term labor market outcomes. **Health economics**, v. 26, n. 3, p. 275-291, 2017.
- COOK, Philip J.; TAUCHEN, George. The effect of minimum drinking age legislation on youthful auto fatalities, 1970-1977. **The Journal of Legal studies**, v. 13, n. 1, p. 169-190, 1984.
- DEMING, David J. The value of soft skills in the labor market. **NBER Reporter**, v. 4, p. 7-11, 2017.
- DUNCAN, Greg J.; DUNIFON, Rachel. Soft-skills and long-run labor market success. **Available at SSRN 112431**, 1998.

FRENCH, Michael T. et al. The morning after: alcohol misuse and employment problems. **Applied Economics**, v. 43, n. 21, p. 2705-2720, 2011.

GARAI, Bruna da Silva; LENHANI, Gabriela Caroline. O ALCOOLISMO E SUAS IMPLICAÇÕES NA SEGURANÇA NO TRABALHO. **RESO-Revista de Estudos Sociais**, v. 2, n. 2, p. 70-83, 2019.

HAMILTON, Vivian; HAMILTON, Barton H. Alcohol and earnings: does drinking yield a wage premium? **Canadian Journal of Economics**, p. 135-151, 1997.

HECKMAN, James J. Sample selection bias as a specification error. **Econometrica: Journal of the econometric society**, p. 153-161, 1979.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional da Saúde – Relatório Síntese. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94074.pdf>, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional da Saúde – Relatório Síntese. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9160-pesquisa-nacional-de-saude.html?=&t=sobre>, 2019.

JOHANSSON, Edvard; BÖCKERMAN, Petri; UUTELA, Antti. Alcohol consumption and sickness absence: evidence from microdata. **The European Journal of Public Health**, v. 19, n. 1, p. 19-22, 2009.

JUSTUS, M.; HEMENWAY, D.; MILLER, M. The relationship between alcohol consumption and the desire to own a firearm: an empirical study on citizens of São Paulo city, Brazil. **Public health**, v. 179, p. 186-194, 2020.

KAESTNER, Robert; GROSSMAN, Michael. The effect of drug use on workplace accidents. **Labour Economics**, v. 5, n. 3, p. 267-294, 1998.

KOENKER, Roger; BASSETT JR, Gilbert. Regression quantiles. **Econometrica: journal of the Econometric Society**, p. 33-50, 1978.

LÍRIO, V. S., CORONEL, D. A., BATALHA, C. S., MIRANDA, A. C., & de ALMEIDA Paula, K. Determinantes da inserção precoce no mercado de trabalho em Viçosa, MG: uma abordagem econométrica. **Race: revista de administração, contabilidade e economia**, v. 12, n. 2, p. 525-542, 2013.

LYE, Jenny N.; HIRSCHBERG, Joe. Alcohol consumption, smoking and wages. **Applied Economics**, v. 36, n. 16, p. 1807-1817, 2004.

MACDONALD, Ziggy; SHIELDS, Michael A. The impact of alcohol consumption on occupational attainment in England. **Economica**, v. 68, n. 271, p. 427-453, 2001.

MACDONALD, Ziggy; SHIELDS, Michael A. Does problem drinking affect employment? Evidence from England. **Health Economics**, v. 13, n. 2, p. 139-155, 2004.

MINCER, Jacob. Schooling, Experience, and Earnings. *Human Behavior & Social Institutions* No. 2. 1974.

NORSTRÖM, Thor. Per capita alcohol consumption and sickness absence. **Addiction**, v. 101, n. 10, p. 1421-1427, 2006.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. Management of alcohol- and drug-related issues in the workplace. Code of practice. Genebra, 1999.

- PETERS, Bethany L. Is there a wage bonus from drinking? Unobserved heterogeneity examined. **Applied Economics**, v. 36, n. 20, p. 2299-2315, 2004.
- PETRY, Nancy M. Ro 15-4513 selectively attenuates ethanol, but not sucrose, reinforced responding in a concurrent access procedure: Comparison to other drugs. **Psychopharmacology**, v. 121, n. 2, p. 192-203, 1995.
- RUHM, Christopher J.; BLACK, William E. Does drinking really decrease in bad times?. **Journal of health economics**, v. 21, n. 4, p. 659-678, 2002.
- SAMPAIO FILHO, Francisco Jucier Luz et al. Percepção de risco de adolescentes escolares na relação consumo de álcool e comportamento sexual. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 31, n. 3, p. 508-514, 2010.
- SCOPEL, Rodrigo; SILVA, Carlos Eduardo Lobo e. A Decisão do Indivíduo sobre Beber e Dirigir: uma análise econômica a partir de uma abordagem teórica. **Economic Analysis of Law Review**, v. 5, n. 2, p. 255-270, 2014.
- SPENCE, Michael. Job market signaling. In: **Uncertainty in economics**. Academic Press, 1978. p. 281-306.
- STOPA, Sheila Rizzato et al. Pesquisa Nacional de Saúde 2019: histórico, métodos e perspectivas. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, p. e2020315, 2020.
- THUROW, Lester C. Education and economic equality. **The public interest**, v. 28, p. 66, 1972.
- VÁSQUEZ, Jorge; WERETKA, Marek. Empathy, Unemployment, and Wages. **Available at SSRN 2861487**, 2016.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. “Global status report on alcohol and health-2014: World Health Organization.” Geneva, Switzerland, 2014.

TABELA A1 – RESULTADOS DA REGRESSÃO QUANTÍLICA SEM CONTROLE PARA SETOR DE ATIVIDADE E CONDIÇÃO NA OCUPAÇÃO

	Quantis da distribuição				
	(0,10)	(0,25)	(0,50)	(0,75)	(0,90)
<i>drinker</i>	0.084* (0.008)	0.082* (0.003)	0.074* (0.004)	0.092* (0.007)	0.116* (0.019)
<i>idade</i>	0.049* (0.004)	0.039* (0.003)	0.033* (0.002)	0.031* (0.002)	0.031* (0.004)
<i>idade2</i>	-0.054* (0.005)	-0.039* (0.004)	-0.028* (0.002)	-0.021* (0.003)	-0.015* (0.005)
<i>homem</i>	0.245* (0.015)	0.213* (0.010)	0.212* (0.007)	0.240* (0.009)	0.229* (0.012)
<i>branco</i>	0.079* (0.009)	0.090* (0.008)	0.097* (0.007)	0.137* (0.008)	0.195* (0.017)
<i>urbano</i>	0.496* (0.021)	0.367* (0.018)	0.196* (0.007)	0.165* (0.011)	0.170* (0.009)
<i>fund. incomp.</i>	0.268* (0.050)	0.240* (0.041)	0.152* (0.025)	0.142* (0.012)	0.144* (0.033)
<i>fund. comp. ou médio incomp.</i>	0.514* (0.044)	0.435* (0.041)	0.322* (0.024)	0.312* (0.009)	0.345* (0.029)
<i>médio comp. ou sup. incomp.</i>	0.749* (0.040)	0.613* (0.043)	0.492* (0.022)	0.533* (0.011)	0.615* (0.027)
<i>superior comp.</i>	1.253* (0.039)	1.252* (0.044)	1.382* (0.028)	1.558* (0.021)	1.668* (0.023)
<i>sudeste</i>	-0.111* (0.017)	-0.078* (0.013)	-0.096* (0.009)	-0.115* (0.015)	-0.129* (0.021)
<i>norte</i>	-0.389* (0.017)	-0.267* (0.012)	-0.230* (0.008)	-0.192* (0.017)	-0.158* (0.017)
<i>sul</i>	0.088* (0.023)	0.060* (0.012)	0.019 (0.012)	-0.033*** (0.019)	-0.085* (0.021)
<i>nordeste</i>	-0.598* (0.018)	-0.421* (0.010)	-0.371* (0.009)	-0.377* (0.014)	-0.358* (0.012)
<i>constante</i>	-0.699* (0.092)	-0.043 (0.064)	0.605* (0.049)	0.884* (0.034)	1.144* (0.073)

Nota: (1) Erro padrão entre parênteses. (2) *, ** e *** denotam significância aos níveis de 1%, 5% e 10%, respectivamente.

Recebido em: 04/03/2021

Aceito para publicação em: 04/05/2022